Os mercados interno e externo não apresentaram modificações de vulto que mereçam comentários. Apenas houve melhora no preço interno do mercado paulista, que apresentou oscilações para maior, sendo a saca de cristal negociada a R$14,00. No mercado externo os preços têm oscilado entre as cotações de US$11,55 a US$11,87 por libra-peso, devendo manter-se neste patamar, pois, segundo expectativas do setor, as exportações brasileiras poderão atingir 7 milhões de toneladas, superando as previsões governamentais para o período.

JOAQUIM VILLANOVA
E-mail: villa@fgv.br

INDICADOR DO PREÇO DO MILHO

Previsão de alta para o fim do ano

A tendência dos contratos para novembro, a partir de julho situados em patamares visivelmente mais elevados que os de setembro, confirma um maior ímpeto sazonal da demanda, voltada para atender ao consumo dos rebanhos avícola e suíno para o final do ano.

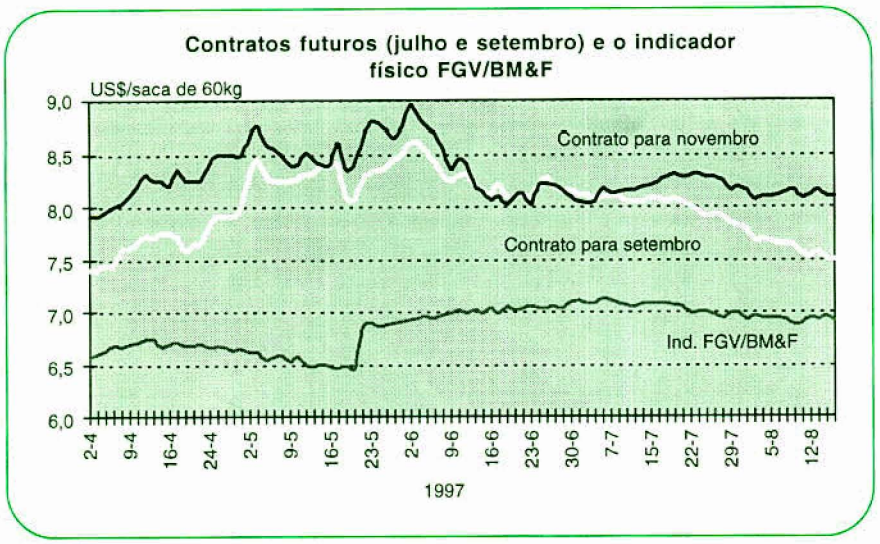
Entre meados de julho e meados de agosto, o mercado interno do milho funcionou à base das informações do resultado da colheita da safrinha de 1997 e das primeiras notícias quanto à formação das intenções de plantio da safra de verão 1997/98, temperadas pelo ritmo da demanda de rações.

Em fins de maio e início de junho, havia-se formado uma expectativa de que o resultado da iminente colheita da segunda safra viesse a ser inferior ao antecipado, devido à falta de chuvas em algumas regiões produtoras. Este sentimento foi em grande parte apenas especulativo. Primeiro, pela representatividade ainda pequena da safrinha dentro do quadro geral de oferta interna, muito embora esta participação venha crescendo ano a ano. Segundo, porque seria sabidamente grande a quantidade do grão estocado à disposição dos consumidores, que souberam tirar vantagem desse fato ao longo de todo o ano, adquirindo o insumo *da mão para a boca*.

Isso quer dizer que a alta motivada pela estiagem não era sustentável, parecendo ter sido um balão de ensaio lançado por certos segmentos do mercado, com o objetivo primário de exercer influências altistas sobre os preços.

À medida que as especulações se desfizeram, com as informações definitivas sobre danos menores do que o antecipado à safrinha, declinaram os valores dos contratos para setembro, voltando o mercado à tranqüilidade para formar suas expectativas de acordo com a verdadeira situação do quadro de abastecimento para os meses do final do ano.

A tendência dos contratos para novembro, a partir de julho situados em patamares visivelmente mais elevados que os de setembro, confirma um maior ímpeto sazonal da demanda, voltada para atender ao consumo dos rebanhos avícola e suíno para o final do ano. A aposta em cotação pouco acima de R$8,00/60kg certamente baseia-se na premissa de que os preços das carnes avícola e suína venham facilmente acomodar o custo de seu principal insumo, não só pelo tradicional aumento do consumo interno com as festas natalinas, como também porque a demanda destas proteínas alternativas à bovina tem sofrido o estímulo do bom ritmo de suas exportações — que, segundo informações preliminares, deverão chegar ao recorde de quase 700 mil toneladas até o final do ano.



EDGAR COSTA FILHO
E-mail: evc@fgv.br

IRENE RAGUENET TROCCOLI
E-mail: iragtroc@fgv.br

ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA
E-mail: roger@fgv.br